

LIDDELL HART

1º Ten JOHN W. WALDEN, da Marinha dos Estados Unidos
"Military Review"

Dos sangrentos campos de batalha da Primeira Grande Guerra surgiu um soldado britânico que um dia conquistaria grande renome e seria considerado por muitos como o maior de todos os modernos pensadores militares; um homem que seria relacionado entre as grandes inteligências militares de todos os tempos e considerado o "Clausewitz do Século XX". Referimo-nos a Basil Henry Liddell Hart, capitão de infantaria reformado. A despeito de seu modesto posto, alcançou grande reputação e tem exercido larga influência sobre a cultura militar — conforme atestam grandes estadistas, soldados e cientistas do mundo.

O Cap Liddell Hart, graças aos seus antecedentes, experiência pessoal e vários anos de intenso estudo de história militar, pôde lançar nova luz sobre a guerra moderna, em suas múltiplas obras. Ao examinarmos os trabalhos de Liddell Hart, não vemos refletido nêles o velho doutrinador militar que só se preocupava em pesquisar novos e mais eficazes métodos de destruição e morte. Ao contrário, suas obras refletem um homem que conhece a futilidade e a exaustão da guerra e que, em suas exortações, procura tornar sua prática mais inteligente — conferindo-lhe mais razão e lógica, através dos ensinamentos históricos — ao mesmo tempo que luta pela completa abolição da guerra.

Em suas obras, transparece o produto de um filósofo e de um cientista militar. Ele próprio afirma: "compartilho da repugnância do idealista pela guerra, mas sou também contrário a sua freqüente ignorância da realidade. Creio que nenhum alvo poderá ser alcançado mediante a disseminação de conceitos falsos".

Esta última frase caracteriza a pedra fundamental de seus trabalhos — a verdade. Em todos eles, nota-se a objetividade do historiador, combinada com a sede de conhecimento e verdade do filósofo e do cientista. Considera um dever moral examinar a história da guerra e dela tirar o quadro verdadeiro do pensamento e das ações humanas através dos séculos. Seu objetivo é projetar o filme das guerras passadas sobre a tela da história contemporânea, de modo a resolver os problemas atuais com as verdades de outrora.

Ao discutirmos os conceitos e as teorias do Capitão Liddell Hart, poderíamos apontá-los como produtos de um "grande pensador" ou "gênio militar", mas o próprio Capitão aconselha-nos mais sobriedade no emprêgo dêsses termos. Diz êle: — "Seja mais moderado! Quanto a mim tem sido uma questão de perceber a evidência dos fatos mais fácil e rapidamente do que os outros, pois conservo minha visão livre da poeira e das teias de aranha das convenções e dos preconceitos".

Não precisamos encará-lo como um "grande pensador", nem considerar os seus trabalhos como oriundos de um gênio criador. Ao contrário, devemos ter em mente que as obras de Liddell Hart baseiam-se sobretudo na história da guerra, exposta por um homem dotado de aptidão invulgar para raciocinar claramente e tirar ensinamentos das lições do passado, aplicando-os imparcialmente e segundo as condições atuais.

ANTECEDENTES

Para podermos apreciar o valor das opiniões e trabalhos do Capitão Liddell Hart, devemos primeiro conhecer algo de sua experiência e examinar como alcançou tão elevada posição no campo militar.

Nasceu a 31 de outubro de 1895; estudou na Escola de São Paulo e na Universidade de Corpus Christi, onde iniciou seus estudos de história. Em 1914, foi designado para servir na Infantaria Leve de Yorkshire, tendo seguido para a França no ano seguinte. Como comandante de companhia — e eventualmente como comandante de batalhão — tomou parte nas batalhas de Ypres e do Somme. Ferido gravemente em 1916, foi enviado para um hospital, onde aproveitou a convalescência para escrever um livro sobre a recente ofensiva do Somme. Esse livro chamou a atenção de alguns oficiais superiores britânicos e Liddell Hart foi subseqüentemente convidado para servir numa secção histórica, que estava em organização.

Em 1917, escreveu um estudo sobre o emprêgo da infantaria — fruto de sua experiência na guerra. Mais tarde, em 1920, recebeu um chamado oficial para elaborar o *Manual de Instrução da Infantaria* de pós-guerra e pôde, assim, incluir nêle muitas de suas teorias, inclusive seu famoso *Battle Drill*. Dessa maneira, com a idade de 25 anos, o Capitão Liddell Hart já havia alcançado renome no meio militar.

Após a guerra, ainda se encontrava incapacitado, devido aos ferimentos, tendo sido considerado inapto para servir na infantaria ou blindados. Todavia, conseguiu permanecer no Exército, graças ao seu benfeitor — General Sir Ivor Maxse — que o colocou na Diretoria de Ensino do Exército. Assim mesmo, continuou a dedicar-se, sobretudo, à instrução e à tática.

Sua saúde prejudicou definitivamente sua carreira militar e, em 1924, foi julgado incapaz, percebendo metade dos vencimentos, e mais

tarde foi reformado. Como civil, decidiu dedicar sua vida ao estudo da ciência e história militar. Aceitou o cargo de correspondente militar do *Daily Telegraph* de Londres. Durante o tempo em que trabalhou nesse jornal, foi também editor dos Departamentos Militar e de História Militar da *Encyclopédia Britânica*. Permaneceu com o *Daily Telegraph* até 1935, quando se tornou correspondente militar e assessor do *Times* de Londres, nos assuntos militares.

Durante o período até agora descrito, Liddell Hart estava adquirindo crescente renome no setor militar, por intermédio de seus livros e artigos sobre guerra. Vários de seus trabalhos tratavam especialmente da mecanização dos exércitos e do futuro das forças armadas. Tornara-se grande amigo do General J. F. C. Fuller, o famoso paladino da guerra mecanizada, e as idéias de ambos muitas vezes eram coincidentes. Devemos assinalar que várias teorias de Liddell Hart sobre a guerra mecanizada tiveram grande influência na ampliação do Exército Alemão. Liddell Hart tornou-se conhecido também nos Estados Unidos e, em 1930, o General Hunter Liggett — comandante do I Ex Norte-Americano na Primeira Grande Guerra declarou que Hart demonstrou um "conhecimento da arte da guerra que poucos homens possuem e nenhum supera".

Em 1937, tornou-se assessor particular do novo Ministro da Guerra, Hore-Belisha, e iniciou um programa de reformas no Exército. Muitas delas encontraram oposição, especialmente por parte do EM Imperial e do Tesouro. Em 1939, entretanto, muitas de suas reformas originais haviam sido adotadas, com grande proveito para o Exército.

Em 1939, o Capitão Liddell Hart encontrava-se em estado de esgotamento e foi forçado a retirar-se para oeste da Inglaterra. Sua doença resultou do esforço despendido no término de seu livro *A Defesa da Inglaterra*, a respeito do qual disse o seguinte: "tentei apressar sua publicação, para servir de advertência ao nosso povo contra linhas de ação que me pareciam suicidas diante da situação do armamento britânico e francês".

Durante o decênio 1930-1940, Liddell Hart desenvolveu uma constante campanha para alertar o país contra os perigos da guerra, ressaltando a necessidade de uma preparação.

Tendo recuperado a saúde em 1941, aquiesceu em escrever alguns comentários sobre a guerra, para o *Daily Mail*, dedicando-se simultaneamente a outros trabalhos. Depois da guerra, Liddell Hart dedicou todo o seu tempo à coleta de documentos e à preparação de estudos preliminares para uma história militar. Dois desses estudos são: *Falam os Generais Alemães* — um relatório de suas entrevistas com os chefes alemães prisioneiros — e a *Defesa do Ocidente* — que examina os atuais problemas militares. Devemos observar que esses e muitos outros trabalhos foram lidos em todo o mundo e traduzidos em várias línguas — ao todo, 20 idiomas diferentes. Em 1947, iniciou um relato

oficial do *Corpo Blindado Britânico* (1915—1945), e o papel que este desempenhou na evolução da guerra blindada.

Se examinarmos outros empreendimentos seus, verificaremos que foi conferencista de ciência militar na Universidade de Trinity, em Cambridge (1932-1933); em 1934, pertenceu à Sociedade de Pesquisas Leverhume; foi membro da Delegação Britânica à Conferência Internacional de Estudos, em 1935; foi assessor da Comissão Executiva da Liga das Nações; participou do Conselho da Sociedade de Pesquisas Históricas do Exército; e, no mundo literário, pertenceu à Associação para a Liberdade Intelectual.

Agora que conhecemos o Cap Liddell Hart, seus antecedentes e sua carreira, podemos examinar detidamente suas opiniões, verificar a lógica e a sabedoria que elas contêm e analisar a influência de suas obras na moderna cultura militar.

Ao encararmos as obras de Liddell Hart como tentativas nobres para incorporar a razão e a lógica ao estudo da guerra e, ao mesmo tempo, para indicar o caminho da paz permanente, devemos observar que esse homem sabe reconhecer suas próprias limitações, conforme atestam suas palavras :

A história da humanidade é a história do pensamento — da progressiva ascendência do intelecto sobre a matéria: do predominio da inteligência sobre a força bruta. Por este motivo a guerra, sendo inseparável da força e, hoje em dia, da própria força bruta, jamais poderá ser uma prática inteligente.

No entretanto, embora nunca possamos alcançar o objetivo final, poderemos fazer muito para tornar a guerra uma prática mais inteligente.

Para conseguir isso, o Capitão Liddell Hart começa abandonando a velha máxima "Se quiserem paz, preparam-se para a guerra", para adotar esta outra: "Se quiserem paz, compreende a guerra". Explicando tal alteração, ele reflete o verdadeiro alicerce de sua obra :

A História evidencia amplamente quantas vezes um movimento para preservar ou restabelecer a paz tem sido realizado pelas chamadas "razões militares" que, em outras palavras, significam a racionalização de impulsos irrefletidos. Por isso, devemos compreender não só as causas mas, também, a conduta da guerra. Tal compreensão só poderá ser alcançada, se estudarmos a guerra sob o aspecto puramente científico, com nossas mentes livres de tendências militaristas ou antimilitaristas, que possam obscurecer nosso julgamento e, por conseguinte, invalidar nossas deduções.

As idéias do Cap Liddell Hart seriam melhor expostas e sua aplicação melhor demonstrada, se iniciássemos o seu exame a partir do

escalão mais elevado, no âmbito da grande estratégia. Esta constitui um importante plano para o estudo da guerra, pois está relacionada com o objetivo nacional ou com a "política de guerra" do país. Nesse campo é que se iniciam as guerras.

Em primeiro lugar, Liddell Hart declara que :

"A guerra é um assunto demasiadamente sério para os destinos das nações e não deve ser controlada por meros estrategistas. Há necessidade de se adotar o horizonte mais amplo da grande estratégia, que transcende a própria guerra, para englobar também a paz". A grande estratégia não se preocupa apenas em ganhar a guerra, mas também em ganhar a paz. Daí se deduz que o objetivo primordial de qualquer guerra é conseguir uma paz melhor. É essencial, portanto, que a guerra seja conduzida, sem perder de vista a paz desejada. Em outras palavras, devemos empregar a razão e a lógica no mais alto grau, quando defrontarmos um conflito internacional. Os países não devem precipitar-se numa guerra que possa resultar em completa exaustão ou extermínio de ambos os contendores — é preciso ponderar sobre os prováveis frutos da vitória. "A vitória, em seu verdadeiro sentido, significa um estado de paz para o povo melhor do que o existente antes da guerra. É mais acertado correr o risco de uma guerra para preservar a paz, do que correr o risco de exaustão na guerra, para obter a vitória final...".

A história mostra-nos as terríveis consequências da guerra e como a paz é, muitas vezes, pouco remuneradora, deixando de compensar a exaustão sofrida pelas nações que lutaram por seus objetivos. Melhor exemplo não poderíamos encontrar do que a triste situação de muitos países europeus depois da Segunda Grande Guerra.

Devemos concluir, portanto, que o objetivo de qualquer país na guerra não deve ser outro senão o de garantir para o seu povo uma "existência mais digna, próspera e segura" e que tal objetivo deve ser mantido constantemente em vista.

Quais são os objetivos da guerra, para Liddell Hart? Sua maneira de focalizar este assunto empresta-lhe nova lógica e sentido. Em princípio, Liddell Hart não concorda com o conceito de "guerra absoluta" adotado por Napoleão e por Clausewitz. Sua maneira de encarar o problema transcende o conceito estreito de que o objetivo nacional na guerra só pode ser obtido pela destruição em massa. Ao invés disso, procura os verdadeiros objetivos da guerra, raciocina ponderadamente sobre os acontecimentos históricos e estabelece que meios devem ser usados para a obtenção de determinados propósitos na guerra. Primeiro, suponhamos que num momento de crise foi tomada a decisão de travar a guerra. Qual será, na opinião do cidadão comum de uma democracia, o objetivo nacional nessa guerra? Conforme vimos antes, ele provavelmente diria: "Garantir o reinício e a continuação progressiva do que se pode chamar de política de tempo

de paz, com a mais curta e menos dispendiosa interrupção para a vida normal do país". Portanto, ao procurarmos o objetivo, chegamos à conclusão de que devemos subjugar a vontade do inimigo, com o mínimo de perdas humanas e econômicas, o que está de acordo com a definição de Clausewitz de que "a guerra é a continuação da política por outros meios". Temos, assim, nosso primeiro objetivo verdadeiro.

Seguindo essa lógica, Liddell Hart procura depois encontrar o método mais eficiente para subjugar a resistência do inimigo e, ao mesmo tempo, assegurar a maior economia possível em material e vidas humanas.

Clausewitz, a despeito de sua doutrina de que "O sangue é o preço da vitória", admitia a existência de outros objetivos além das forças armadas inimigas. Seus três objetivos gerais eram: o poderio militar, o território e a vontade do inimigo — com predominância do primeiro. Mas Liddell Hart argumenta que Clausewitz equivocou-se na ordem de importância desses objetivos. Hart declara que a "destruição das forças armadas inimigas é apenas um meio — nem sempre obrigatório ou infalível — para atingirmos nosso objetivo". Em sua opinião, devemos perseguir primeiramente o objetivo moral. Isto significa exercer a maior pressão possível sobre a mente do povo inimigo, sobre suas tropas e, acima de tudo, sobre seus comandantes.

MÉTODO INDIRETO

A esta altura, podemos examinar a "estratégia do método indireto" do Cap Liddell Hart, que constitui uma das chaves para compreendermos a tendência geral do seu pensamento, e seus pontos básicos encontram-se no âmbito estratégico e tático, no qual acabamos de penetrar.

Este método não é um sistema radicalmente novo, mas um processo de lidar com todos os problemas humanos, e que se baseia na aplicação da razão e da lógica às lições da história. É a chave para compreendermos o modo de pensar de Liddell Hart, não só como militar, mas também como filósofo. Nêle pode perceber-se o esforço do cientista em busca da verdade e o emprêgo da lógica pelo filósofo, para adquirir conhecimentos. Todavia, por mais amplo que seja esse método indireto, devemos restringir-nos aos seus aspectos militares, pois é nesse setor que tem sido mais recomendado pelo Capitão Liddell Hart.

No início de sua carreira, Liddell Hart — ao estudar uma série de campanhas militares — descobriu esse conceito e compreendeu sua superioridade sobre o método direto na estratégia militar. As conclusões gerais a que chegou em seus estudos foram as seguintes :

Cada vez se torna mais evidente que o emprêgo do método direto, para a conquista de um objetivo mental ou físico, seguindo o curso

natural esperado pelo inimigo, conduz geralmente a resultados negativos. A razão disso está claramente evidenciada na sentença de Napoleão: "o moral está para o físico, assim como 3 está para 1". Isto pode ser expresso cientificamente, dizendo-se que, embora a força de um país inimigo dependa aparentemente de seus efetivos e recursos, estes baseiam-se sobretudo na estabilidade ou equilíbrio do comando, do moral e dos suprimentos.

Um estudo das principais campanhas militares demonstra que, à exceção de Alexandre, os mais famosos capitães poucas vezes lançaram um ataque frontal sobre um inimigo instalado numa forte posição. Quando as circunstâncias não permitiram outra alternativa, seus ataques frontais fracassaram. A história também demonstrou que os mais hábeis comandantes muitas vezes adotavam recursos extremos para evitar um ataque frontal — preferindo enfrentar condições desfavoráveis para não correr o risco de um impasse ou a completa exaustão de um ataque frontal. Exemplos históricos em que "o emprêgo do método indireto significaria a decisão do problema" vão desde a sações de Lisandro no mar Egeu, no ano 405 a. C., até os enganos e fracassos de Hitler na Segunda Grande Guerra e incluem certas campanhas norte-americanas, como as de Grant, em Vicksburg, e Sherman, em Atlanta.

Daí, a seguinte conclusão histórica: A investida frontal contra o objetivo — físico ou mental — caso siga o curso natural esperado pelo inimigo, só logrará resultados negativos.

Assim, seguindo o raciocínio de Liddell Hart, passaremos a considerar o emprêgo do método indireto para subjugar a vontade do inimigo. Para isso, devemos consultar as páginas da história e verificar o disparate e a inutilidade do sistema napoleônico, para compreendermos que existem outros meios para alcançarmos os nossos propósitos, além do embate frontal de forças antagônicas, com a destruição e o extermínio. Ao contrário, "torna-se evidente que nosso objetivo na guerra só pode ser atingido pelo domínio da vontade do adversário". O método de ação indireta exige, naturalmente, que enfrentemos o inimigo no campo de batalha, mas também que empreguemos o bloqueio, a diplomacia, o ataque contra os centros populosos e industriais — em outras palavras, perseguimos o objetivo moral, atacando a mente do inimigo.

O Capitão Liddell Hart condensa essa doutrina numa série de sentenças, que, segundo diz "parecem tão universais e fundamentais, que podem ser denominadas axiomas". Em sua maioria, aplicam-se tanto à tática como à estratégia :

1. *"Ajuste seu fim aos seus meios".* Ao escolher o objetivo, é extremamente importante que "a clareza de visão e a frieza de cálculo prevaleçam" e que a confiança não seja desperdiçada em vãos esforços.

2. "Mantenha seu objetivo sempre em mente", enquanto estiver adaptando seus planos às circunstâncias". É preciso compreender que todo objetivo pode ser alcançado por mais de um método, mas é também importante que cada objetivo parcial contribua para o final.

3. "Escolha a linha (ou curso) menos esperado pelo inimigo". Ponha-se no lugar do comandante adversário e procure ver exatamente o que teria menos probabilidade de ser previsto.

4. "Explore a linha de menor resistência... (Na tática esta máxima se aplica ao emprêgo de sua reserva; e na estratégia, à exploração de qualquer sucesso tático)".

5. "Adote uma linha de ação que ofereça objetivos alternativos". Isto coloca o inimigo num dilema "o que contribui para oferecer a oportunidade de alcançar-se pelo menos um objetivo,... e, pode permitir que se conquiste um objetivo após outro".

6. "Assegure flexibilidade tanto ao plano como ao dispositivo — adaptando-os às circunstâncias". Os planos devem conter previsões para o caso de êxito, fracasso ou êxito parcial.

7. "Não empenhe toda sua força num só golpe, enquanto o oponente estiver em guarda — enquanto estiver bem colocado para apará-lo".

8. "Não renove, nos mesmos moldes, um ataque que já tenha fracassado anteriormente". O fato de se ter recebido reforço não é suficiente, porque o inimigo também pode ter sido reforçado e ter adquirido vigor moral com o sucesso precedente.

Liddell Hart acrescenta que dessas máximas emerge uma verdade essencial: "para o êxito, dois problemas principais devem ser resolvidos — o do deslocamento e o da exploração".

O General G. M. Chassin, antigo comandante das Fôrças Aéreas Francesas no Extremo Oriente, afirma o seguinte :

Um minucioso estudo da história militar indica que as idéias de Liddell Hart são, em geral, corretas, e sem sombra de dúvida, os chefes militares norte-americanos teriam agido bem, se as tivessem posto em prática. Quanto a nós, certamente teríamos evitado os erros estratégicos que nos reduziram a um estado tão lastimável.

Para exemplificar quando foi posto em prática o método indireto e quando tais "erros estratégicos" foram evitados, citaremos o trecho de uma carta do Gen-Div E. E. Dorman-Smith (Subchefe do EM, Oriente Médio, em 1942), endereçada ao Capitão Liddell Hart. O General, numa homenagem ao gênio do Capitão Liddell Hart, escreve :

Afirmei anteriormente que vossas idéias haviam influído a nosso favor no curso dos acontecimentos no Egito, em duas ocasiões cru-

ciais, entre 1940 e 1942. O plano de ataque que provocou a aniquilação do Exército de Graziani, em Sidi Barrani, e repeliu a primeira invasão do Egito em 1940, foi um exemplo perfeito da vossa estratégia da ação indireta, enquanto a estratégia e a tática defensiva que frustraram a invasão de Rommel em El Alamein, em julho de 1942, foram mais diretamente inspiradas por ela.

Prosseguindo no campo da tática e da estratégia, verificamos que, entre as obras mais importantes de Liddell Hart, estava o seu programa de reforma do exército, conduzido sob a administração de Hore-Belisha, em 1937. Conforme indicamos acima, este programa foi objeto de muita crítica e oposição, particularmente por parte do próprio Exército. Foi muito difícil persuadir o Estado-Maior a aceitar muitas de suas sugestões. O próprio Gabinete também demonstrou certa oposição. Não obstante embora muitas de suas idéias originais tivessem sido modificadas, quase todas foram postas em vigor — para o bem do Exército. Essas medidas referiam-se principalmente aos seguintes aspectos :

ESTRATÉGICO

1. Criação de Reservas Estratégicas Regionais no Médio e Extremo Oriente, e desenvolvimento de fontes locais para suprimento de material.
2. Adoção do princípio de que as reservas estratégicas, tanto no país como no exterior, deviam consistir, sobretudo, de unidades mecanizadas.
3. Organização de duas divisões blindadas do Exército Regular, com previsão de uma terceira; e de duas outras no Exército Territorial.
4. Completa motorização das divisões de infantaria.
5. A duplicação do efetivo das forças antiaéreas e centralização da defesa antiaérea da Grã-Bretanha sob um único comando.

TÁTICO

1. Reorganização das divisões de infantaria com efetivos menores, alterando a relação entre a potência de fogo e os efetivos e tornando-as mais manobreiras.
2. Dotar parte da infantaria de veículos blindados de transporte de pessoal.
3. Organização de unidades antiaéreas leves para a defesa contra aviões em vôo baixo.
4. Estabelecimento de uma seção de pesquisas no Estado-Maior — para realizar o planejamento futuro.

PESSOAL

1. Grande número de medidas para melhorar as condições do serviço e as vantagens individuais — inclusive a promoção de oficiais na base da antiguidade; abolição do meio-sóldo; melhores vencimentos e vantagens para os oficiais e praças ...

2. Medidas para melhorar a eficiência profissional — redução do limite de idade dos generais; curso para oficiais superiores; ampliação da Escola de Estado-Maior ...

É desnecessário mencionar que essas reformas muito contribuíram para a modernização de um exército que estava tenazmente aferado aos métodos de 1914, e auxiliaram grandemente a prepará-lo para o conflito que se aproximava.

Resumindo alguns dos pontos mais importantes analisados até agora, verificamos que o Capitão Liddell Hart considera a grande estratégia como um nível superior da estratégia, abrangendo todos os recursos militares, econômicos e morais de uma nação e orientando-os não só com o objetivo de ganhar a guerra, mas também de "ganhar a paz".

No campo estratégico e tático, enunciou sua doutrina da "ação indireta" como um dos mais importantes princípios de guerra, ressaltando a questão do equilíbrio — manter nosso próprio equilíbrio e perturbar o do inimigo. Descreve como verdadeiro alvo na guerra não só as tropas, como também a mente do comandante inimigo, e ressalta que não devemos visar apenas a destruição, mas sobretudo o entorpecimento do inimigo. Examinamos também algumas de suas atividades como assessor do Exército, propondo um programa de reformas.

Entre múltiplos princípios estratégicos e táticos que deixamos de analisar, encontra-se o seu "método da torrente que se expande", que foi adotado com grande sucesso pelos exércitos alemães, e sua teoria sobre o "luar artificial", que também foi empregada com êxito pelos britânicos. Observamos que êstes e vários outros conceitos de Liddell Hart baseiam-se numa forma ardilosa de combate, que é uma combinação de ofensiva e defensiva ou, uma defesa elástica, com represálias.

Ao traçarmos nossas conclusões sobre a posição de Liddell Hart na esfera militar e sobre a sabedoria de sua doutrina, não devemos esquecer que um dos pontos básicos focalizados em suas obras tem sido a importância da qualidade sobre a quantidade. Isto originou uma de suas maiores cruzadas e algumas de suas notáveis teorias, com as quais adquiriu renome e reconhecimento internacional.

A cruzada a que nos referimos foi em prol da mobilidade na guerra moderna, por meio da blindagem e da mecanização. Foi enun-

ciada com veemência em muitos de seus livros, tais como *The Remaking of Modern Armies*, *When Britain Goes to War*, *The Future of Infantry* e outros.

Com muita razão, Liddell Hart concluiu que sem mobilidade os exércitos modernos não eram capazes de realizar uma ofensiva, transformando-se portanto em "inúteis fontes de despesa". "Sem mobilidade, um exército é apenas um cadáver — aguardando enterrado nas trincheiras". Adota como lema a máxima de Napoleão: "A força de um exército, como a intensidade de movimento na Mecânica, é calculada pela massa multiplicada pela velocidade".

Já em 1919, Liddell Hart escrevia sobre a mecanização nas guerras futuras, e desde então, apoiado pelo General J. F. C. Fuller, foi o expoente máximo da campanha em prol de forças blindadas eminentemente móveis para a Grã-Bretanha.

Também a esse respeito, suas idéias não eram radicalmente novas, pois eram extraídas dos ensinamentos da história — numa tentativa para aplicar a conduta das guerras passadas às práticas modernas. Os êxitos passados dos velozes cavalariais de Ghengis Khan e Sherman foram aplicados aos modernos veículos motorizados, e as antigas couraças e capacetes foram transformados em carros de combate. O emprêgo de tais comparações diminuiu de certo modo a oposição a suas idéias, que pareciam novas e revolucionárias.

Em seus argumentos favoráveis à guerra mecanizada e blindada, Liddell Hart e Fuller concordavam quanto aos pontos fundamentais, mas em seguida seus conceitos tomavam rumos diferentes. Fuller seguiu a tendência da "blindagem absoluta", considerando os carros como uma força independente, separada da infantaria. Para Fuller a infantaria era simplesmente uma força destinada a ocupar e proteger as áreas já conquistadas pelos carros. Encarava a guerra blindada como se fôr uma guerra naval em terra, com frotas de carros operando de uma cadeia de bases em progressão e mantidas pela infantaria. "A infantaria atuaria de maneira estática, como um suplemento, e não como um complemento, das operações blindadas".

Liddell Hart encarava o problema da futura guerra mecanizada sob um ângulo diferente. Embora tivesse chegado à mesma conclusão de Fuller, de que as forças blindadas tornar-se-iam um fator dominante nas guerras terrestres do futuro, procurou conceber, por meio da "imaginação fundada na razão", o emprêgo conjunto da infantaria e dos blindados. Em 1919, em seu trabalho "O Futuro Desenvolvimento da Unidade de Combate", advogou a organização de unidades combinadas de infantaria e blindados. A instrução seria conjunta, como se fôssem elementos da mesma unidade, permitindo-se, ao mesmo tempo, que os carros fôssem grupados em unidades separadas, quando as circunstâncias o exigissem. Continuou advogando vigorosamente suas teorias sobre a mecanização, recomendando a criação de uma "infantaria blindada" ou "fuzileiros navais blin-

dados". Infelizmente, as várias fôrças mecanizadas experimentais, que foram organizadas na Inglaterra, nunca atenderam às especificações de Liddell Hart e, portanto, nunca conseguiram alcançar o êxito esperado.

A APLICAÇÃO ALEMÃ

Os alemães, entretanto, demonstraram uma compreensão melhor das teorias de Liddell Hart e organizaram suas fôrças mecanizadas, respeitando uma certa relação entre os infantes e os blindados. De fato, as divisões *Panzer* germânicas foram organizadas nos moldes da divisão blindada sugerida por Liddell Hart, combinando os carros com a infantaria mecanizada. Seu êxito nas campanhas "blitzkrieg" da Polônia e França, em 1939 e 1940, atesta a eficiência dessa organização.

Mais tarde, os norte-americanos foram ainda mais além e desenvolveram os veículos blindados de transporte de pessoal. Finalmente, quase ao terminar a guerra, a idéia da "infantaria blindada" ou dos "fuzileiros blindados" havia sido firmemente aceita — embora o Exército Britânico, no qual se originou, ainda se achasse atrasado em sua aplicação. Rommel afirmou que "Os britânicos teriam podido evitar a maior de suas derrotas se tivessem dado maior atenção às modernas teorias expostas antes da guerra por Liddell Hart e pelo Gen Fuller".

Notamos que Guderian, o criador dos blindados alemães, considerava-se um discípulo de Liddell Hart e dedicou suas memórias, *Erinnerungen Eines Soldaten* (1950) "Ao Capitão Liddell Hart, meu primeiro mestre na tática e estratégia de carros, para demonstrar-lhe o sucesso de suas teorias". Em agosto de 1949, o Coronel Khandyeff — num relatório sobre o período em que esteve adido ao Exército Alemão — comentando as atividades do General Guderian no desenvolvimento de suas fôrças blindadas, disse: "Seus mestres foram o General Fuller e o Capitão Liddell Hart. Considerava este último como o melhor cérebro analítico do mundo, sendo seus artigos, traduzidos, estudados e discutidos muito antes de serem examinados e disseminados pelas autoridades de Berlim..."

Talvez o melhor trabalho de Liddell Hart, a respeito dos blindados, tenha sido demonstrar os ensinamentos a serem colhidos das impetuosas campanhas da cavalaria do passado. Citou em particular as campanhas da Guerra de Secesão no oeste, onde as fôrças de cavalaria de Forrest haviam realizado profundas penetrações no território inimigo, cortando suas vias de transporte. Inspirado por esse fato, pelas incursões dos mongóis no Século XIII e pelas marchas de Sherman na Guerra de Secesão, Liddell Hart concebeu e recomendou ataques relâmpagos dessa natureza por modernas fôrças mecanizadas. Esses princípios não foram adotados pelos britânicos, mas os alemães os seguiram cuidadosamente, empregando-os com êxito em 1940, conforme atestam as penetrações realizadas pelos Generais Guderian e Von Manteuffel.

Esses princípios foram também empregados com sucesso pelo Exército Norte-Americano, na França, durante a Segunda Grande Guerra. Antes da invasão da Normandia, Liddell Hart conferenciou com o General J. S. Wood, Comandante da 4^a DB Norte-Americana e com o General George S. Patton, comandante do III Exército. Este último temia que ataques blindados, como os realizados pelos alemães em 1940, já não fossem mais possíveis, mas Liddell Hart sugeriu a aplicação dos métodos de Sherman — “avançar livre de toda impedimenta para acelerar o passo, abandonar as estradas, se necessário, e dispersar as forças, ao invés de permanecer aferroado, tentando subjugar o inimigo com um ataque frontal”. O argumento impressionou o General Patton, que, após a invasão da França, conduziu seus planos num estilo “super-Sherman”. Posteriormente, quando a 4^a DB norte-americana alcançou o Sena, Liddell Hart recebeu uma carta do General Wood, participando o êxito de seus métodos.

Dessa maneira, as idéias do Capitão Liddell Hart projetaram-se no campo da guerra blindada e um novo rumo se operou na aplicação dos ensinamentos da história, com vantagens inegáveis. Infelizmente, na última guerra foi o inimigo quem primeiro compreendeu o valor e aplicou os conceitos dêsse doutrinador.

CRÍTICA

Pelo que verificamos até agora das idéias do Capitão Liddell Hart, isto é, como foram concebidas e como, em muitos casos, foram eficientemente aplicadas, poderíamos concluir facilmente que seus trabalhos nunca sofreram uma verdadeira crítica adversa ou oposição. Isto, entretanto, seria uma conclusão errônea. Algumas vezes suas teorias têm sido objeto de críticas severas e grandes controvérsias; muitas de suas idéias têm sido alvo de grande impopularidade, em vários círculos militares. A esse respeito, já assinalamos a atitude assumida em seu próprio país em relação a suas idéias sobre a guerra mecanizada e a seu programa de reforma do Exército. Estes são, porém, exemplos insignificantes, quando comparados com as múltiplas reações desfavoráveis levantadas contra suas teorias, pouco antes da Segunda Grande Guerra e durante o conflito. Mais ou menos nessa época, seus críticos surgiram em grande número, originando-se uma violenta controvérsia sobre os seus trabalhos, que se referiam principalmente à estratégia a ser adotada contra o agressor alemão.

Com o advento de Hitler, e o rápido rearmamento da Alemanha, a Guerra tornou-se inevitável, projetando sua sombra sobre a Europa. Liddell Hart não tardou em compreender o grande papel que seu país iria desempenhar na guerra, nem os grandes perigos que teria de enfrentar, juntamente com a França e as demais nações europeias, na luta contra a máquina bélica alemã. Muito antes de iniciar-se a guerra, aconselhou o desenvolvimento das forças armadas britânicas.

A medida que a guerra se aproximava, idealizou e advogou uma forma definida de estratégia militar, a ser adotada pelos aliados, de modo a conter a agressão alemã.

Sua estratégia, entretanto, parecia ser inadequadamente defensiva ou passiva; uma estratégia de responsabilidades limitadas e incerta, que nada poderia ganhar, mas tudo perder. Alguns a compreenderam, mas outros, que só viam nela "defesa" e "passividade", recusaram-se a considerá-la. Mais tarde, depois da queda da França e da retirada de Dunkerque, muitos apontaram suas teorias como responsáveis pelos desastres militares sofridos pelas nações aliadas.

Em seu próprio país, a "doutrina defensiva" de Liddell Hart foi criticada sobretudo por V. H. Germains e pelo General H. Rowan-Robinson — dois conhecidos especialistas militares da época. A publicação militar britânica, *The Army Quarterly*, também manifestou-se violentamente contra as idéias de Liddell Hart. Germains afirmava que a guerra só podia ser ganha mediante o ataque e destruição do inimigo e, por conseguinte, recomendava uma guerra total no continente, para o que seria necessário organizar uma força expedicionária britânica de 60 divisões. Estava, assim, em completa contradição com as idéias de Liddell Hart. Rowan-Robinson, que por muito tempo esteve de acordo com Hart, rejeitou suas teorias defensivas, passando a advogar a ação ofensiva.

REAÇÃO NORTE-AMERICANA

Nos Estados Unidos, Hanson Baldwin, do *The New York Times*, examinou e se opôs aos métodos defensivos preconizados no livro *A Defesa da Inglaterra*, "na realidade, em tódas" as obras de Liddell Hart. Também nos Estados Unidos, o Major R. E. Dupuy, numa apreciação do mesmo livro, condenou sua "crença de que a defensiva é melhor do que a ofensiva".

Mais tarde, depois das unidades *Panzer* de Guderian terem rompido as defesas francesas, o *Time* e outras publicações norte-americanas opinaram que a estratégia franco-britânica tinha sido influenciada pelas teorias de Liddell Hart, atribuindo-lhe, portanto, a maior parte da responsabilidade pelo fracasso.

Hanson Baldwin deu a entender que a estratégia do Capitão Liddell Hart era responsável pelas derrotas. Em seu livro, *Os Mestres da Moderna Estratégia*, que se destina a proporcionar uma "compreensão mais ampla da guerra e da paz", incluindo um capítulo sobre as teorias defensivas de Liddell Hart, Baldwin novamente o condena, insinuando que sua estratégia "passiva" foi responsável por Dunkerque. Declara também em seu livro que Liddell Hart era de opinião que a aspereza do terreno e a densidade das florestas das Ardenas tornariam essa região imprópria para as operações em larga escala", atribuindo à influência de Liddell Hart a responsabilidade pela ruptura alemã naquele setor.

Mas quais eram as teorias de Liddell Hart? Teria ele realmente advogado um tipo passivo de guerra, em que as fôrças britânicas não fôssem engajadas na batalha? Suas idéias tiveram influência nos primeiros desastres militares na França? Em princípio, podemos responder que as idéias de Liddell Hart eram de natureza defensiva e poderiam ser assim interpretadas. Entretanto, podemos também adiantar que sua "doutrina defensiva" era muito mais do que a simples definição do termo pode indicar.

Suas teorias eram realmente de natureza mais profunda e ampla — um conjunto de conceitos firmados na razão e na lógica, e baseados na história. Na verdade, ele *não* advogou uma estratégia passiva. Sua influência *não* foi a causa da penetração alemã nas Ardenas e da retirada forçada de Dunkerque.

PREPARAÇÃO MILITAR

Com respeito à preparação militar, o Capitão Liddell Hart defendeu constantemente o desenvolvimento do poder aéreo e marítimo, e quanto às fôrças terrestres, o predomínio da qualidade sobre a quantidade. Recomendou que se acabasse com a conscrição e que a Grã-Bretanha organizasse suas fôrças terrestres nos moldes de um pequeno e bem treinado exército, dotado de equipamento moderno. De-sejava, portanto, abandonar o clássico exército baseado na massa, que pouco efeito teria numa guerra moderna, preferindo um tipo menor, altamente móvel, capaz de enfrentar o inimigo em qualquer região. Não é preciso dizer que o poder aéreo e o marítimo nunca alcançaram o desenvolvimento por ele esperado e que as divisões altamente mecanizadas e treinadas, como idealizara, nunca foram completamente organizadas.

Tôdas as suas medidas de preparação resultavam de seus conceitos estratégicos, que se baseavam na relação entre o ataque e a defesa na guerra moderna; nos sucessos alcançados no passado pela tradicional forma de guerra britânica; e nas legítimas aspirações de uma democracia em qualquer guerra contra uma nação agressora. Os principais pontos referentes à relação entre o ataque e a defesa, ressaltados nas obras de pré-guerra de Liddell Hart, foram os seguintes :

1. Capacidade da defesa moderna para resistir aos ataques frontais no velho estilo.
2. Necessidade de desenvolvermos novos métodos — mobilidade blindada, ataques noturnos e ações indiretas — se desejarmos dar à ofensiva uma oportunidade de vencer a defensiva.
3. Necessidade de desenvolvermos nova técnica defensiva — defesa móvel e contra-ataques por fôrças blindadas — para contrabalançar a vantagem ofensiva que o agressor indubitablemente gozará no início do conflito; para conter sua *blitzkrieg*.

Outro ponto básico, enunciado constantemente por Liddell Hart, era que os exércitos modernos deveriam possuir uma vantagem de 3 para 1 em unidades blindadas, se quisessem executar uma ofensiva vitoriosa. Tal conceito baseava-se em exemplos históricos, tais como a ofensiva germânica na Primeira Grande Guerra e a campanha da Abissínia. Mais tarde, as fôrças *Panzer* alemãs, que invadiram a França, comprovaram esse conceito.

Liddell Hart declarou que "sempre argumentou contra a defesa estática ou passiva, sendo a favor de uma estratégia *ofensiva-defensiva*. Isto implica, na esfera militar, numa defesa ativa e móvel, na qual o efeito da resistência direta é ampliado por contra-ataques, tanto estratégicos como táticos, bem como por contínuas ações de desgastes".

Seu argumento a favor da ofensiva está muito bem resumido em seu livro *A Defesa da Inglaterra*:

O argumento em favor da ofensiva é tão evidente que pode ser expresso resumidamente. Na verdade, pode ser expresso numa única frase — só por meio da ofensiva poder-se-á ocupar uma posição ou o país inimigo e forçá-lo à rendição. É, portanto, o único meio pelo qual uma guerra, ou uma batalha, pode ser ganha no sentido exato da palavra. Ademais, a ofensiva possui grandes vantagens psicológicas — porque mantém a iniciativa sobre o comandante inimigo e atua como um tônico para nossas próprias fôrças, enquanto produzir resultados proporcionais aos esforços despendidos.

Mas, o que é a vitória? Como vimos anteriormente, o objetivo de uma nação deve ser alcançar uma paz melhor, e a verdadeira vitória só poderá ser considerada como tal se "... a situação de paz de nosso povo fôr melhor depois da guerra do que antes". Para alcançarmos a verdadeira vitória e o nosso objetivo principal, devemos observar que :

... a vantagem que a defesa possui na guerra moderna é acentuada pela diferença de objetivos entre o agressor e o defensor. Para ter êxito, aquêle só precisa conquistar. Para que o defensor tenha êxito, só precisa convencer o adversário de que não pode conquistar e que seus esforços continuados acarretarão mais ruína do que benefício. A defesa pode assim empreender uma guerra muito menos exaustiva.

Não podemos deixar de perceber uma grande lógica nas declarações acima.

Argumentando contra os embates de vultosos exércitos nos campos de batalha, o Capitão Liddell Hart referiu-se à duvidosa vitória alcançada, com tal estratégia, na Primeira Grande Guerra. Mos-

trou também os êxitos obtidos no passado pela tradicional forma de guerra britânica, em que os riscos eram limitados: emprêgo do poder marítimo para a conduta do bloqueio e estrangulamento econômico do adversário; emprêgo de "fôrças expedicionárias relativamente pequenas, para golpear os flancos vulneráveis do inimigo ou para ampliar qualquer concentração promissora de fôrças aliadas". De fato, a Inglaterra havia ganho muitas vitórias ofensivas — Crecy e Poitiers, contra os franceses — mas sempre precedidas de uma ação defensiva, por meio da qual se desgastavam os suprimentos e o potencial humano do adversário.

Visando desenvolver essa forma de estratégia ofensiva-defensiva na guerra contra a Alemanha, o Capitão Liddell Hart sugeriu que fossem utilizados amplamente o bloqueio e a guerra econômica, transformando-se a Marinha na principal arma ofensiva. Uma pequena fôrça expedicionária britânica, composta de três divisões blindadas, deveria ser enviada para a França logo no início, porém mantida como reserva estratégica, para ser empregada no ponto mais ameaçado.

Essa forma de "risco limitado" foi muito criticada nas publicações militares britânicas e norte-americanas, embora, por incrível que pareça, a *Revue Militaire Française* tenha apoiado tal doutrina. Os ingleses, conforme mencionados anteriormente, nunca treinaram ou equiparam tais divisões mecanizadas para apoiar essa estratégia, e, quanto às fôrças enviadas para a França, afirmou-se o seguinte :

O Estado-Maior Francês nunca achou conveniente confiar-lhes uma posição importante na linha de batalha, como a ala esquerda, por exemplo. Entregou-lhes apenas uma faixa estreita entre os exércitos de Blanchard e Giraud, de Wavre a Louvain, dentro do plano de manobra do Rio Dyle.

Embora as fôrças blindadas disponíveis não tivessem seguido os conceitos estratégicos de Liddell Hart, o inimigo os adotou integralmente, provando sua eficiência. Nos Estados Unidos, "A vitoriosa aplicação de minhas idéias por Guderian, para uma nova técnica ofensiva, foi considerada como uma prova de meus erros, e não perceberam que os chefes franceses e britânicos foram tão surdos ao remédio que lhes aconselhei — as contramedidas defensivas apropriadas — quanto o haviam sido em relação a minha nova teoria ofensiva". Mas na Europa, "tal crítica quase não existia, pois comprehendiam melhor as realidades. Na França e na Suíça, por exemplo, os acontecimentos de 1940 constituíram uma reparação para os meus argumentos".

Conforme dissemos acima, a penetração alemã nas Ardenas fôrça atribuída, por alguns, à influência de Liddell Hart, que considerava esse setor como uma barreira inexpugnável. Na realidade, seus críticos estavam mal informados. Liddell Hart conhecia bem essa região, tendo-a visitado em 1928 e novamente em 1938. Por isso, dis-

cordava da opinião generalizada de que as Ardenas constituíam uma "barreira impenetrável". Sua teoria foi mencionada em muitos de seus livros, como *As Guerras Decisivas da História* (1929), *A Verdadeira Guerra* (1930) e *Foch* (1931). Em *A Defesa da Inglaterra* (1939), dedicou várias páginas a esse assunto, afirmando que as Ardenas não Constituíam uma barreira natural intransponível, mas antes, uma região dotada de excelentes possibilidades defensivas — com o desdobramento e emprêgo adequado de forças defensivas, um exército muitíssimo superior poderia facilmente ser contido.

Infelizmente, o EM francês não só continuou aferrado à ilusão de 1918 sobre a invulnerabilidade das Ardenas, mas ainda repetiu os erros de 1914, deixando de envar tropas suficientes para manter os desfiladeiros. Pior ainda, não foi feita nenhuma tentativa séria para bombardeá-los com a aviação. Pelos relatórios alemães, percebe-se claramente que o sucesso de sua progressão foi devido a essas omissões. Mesmo sem nenhuma interferência, as forças que avançavam enfrentaram sérias dificuldades na transposição do Semois.

Desta maneira, respondemos a nossas próprias perguntas e a alguns críticos do Capitão Liddell Hart. Provamos que ele não advogou uma guerra passiva, mas, ao contrário, recomendou um tipo de estratégia extremamente lógica de ofensiva-defensiva, com métodos "indiretos" para subjugar o inimigo.

A esta altura, poderíamos perguntar que diria a história militar a respeito da Segunda Grande Guerra, se as doutrinas de Liddell Hart tivessem sido inteiramente observadas e qual seria, atualmente, a situação militar e econômica da Europa e do resto do mundo.

Em nosso estudo sobre Liddell Hart, examinamos sua vida, seus pensamentos, sua influência, seus críticos e talvez agora possamos considerá-lo merecedor do título de "Clausewitz do Século XX". Mas tal denominação deverá ser usada em sentido limitado. De fato, a importância de seus trabalhos, sua influência, a filosofia que aplica ao estudo da guerra poderiam ser comparadas às de Clausewitz, mas as conclusões finais desses homens divergem grandemente. Liddell Hart assinalou a inconsistência da "guerra absoluta" de Clausewitz e do morticínio e destruição em massa que ela acarreta. Com base na experiência e na investigação científica, percebeu a inútil exaustão que a guerra provoca e procurou superar esse estado de coisas com a razão e a lógica. Sua campanha desenvolveu-se desde o conceito da grande estratégia até o âmbito estratégico e tático. Temos que concordar com o seu conceito de que a "política de guerra" deve ser objeto da grande estratégia e não podemos deixar de reconhecer a lógica de sua "estratégia da ação indireta". Seus conceitos são superiores aos de Clausewitz, cujas idéias baseiam-se na máxima: "o sangue é o preço da vitória".

As obras de Liddell Hart já conquistaram um lugar na história militar. Lloyd George considerava-o como "a maior e mais completa autoridade em assuntos de guerra moderna". Seus conceitos serviram de guia para Guderian, Rommel, e muitos outros chefes famosos. O General Chassin expressou-se da seguinte maneira a seu respeito: "... seja qual for o futuro, a reputação de Liddell Hart como escritor militar está assegurada... temos de curvar-nos diante de sua cultura histórica, de sua ampla e universal visão estratégica e da sábia e lúcida expressão que deu aos princípios de guerra..."



Você não acha que a biblioteca da sua universidade lucraria com uma assinatura de **A DEFESA NACIONAL**? Dê essa idéia ao responsável por aquela dependência.